

O Pontifício Instituto Oriental a serviço do Oriente Cristão



O artigo recente *Terremoto entre os jesuítas, no Pontifício Instituto Oriental* (<http://chiesa.espresso.repubblica.it/>) despertou entre os amigos do PIO – os amigos verdadeiros, entende-se – sentimentos opostos. Primeiramente é de elogiar a precisão com a qual foi fielmente respeitada a complexa grafia dos nomes e sobrenomes não italianos. Vale apreciar igualmente a exatidão das informações mencionadas. Ao contrário não se pode apreciar de modo algum nem a formulação do título nem tampouco as valorizações expressas de quem forneceu a notícia.

No título aparece muito inadequado a imagem do “terremoto”, uma realidade que invoca unicamente destruição e morte. Se se quer servir-se de imagens, seria mais apropriado aquela do “temporal”; talvez, quem sabe, de um temporal com improvisada e violenta rachadas de ventos, que abatem as árvores mais expostas de uma encosta. Mas todos sabem que temporal lava, refresca, renova, e que, depois da sua passagem volta, tudo ao lugar sereno.

Quanto pois às duas citações que afirmam cripticamente o artigo, deve-se dizer que as várias expressões catastróficas, como “débâble”, “jogo de massacre”, “arena deserta, sem vencedores nem vencidos”, vão restituídas respeitosamente ao emitente. Ainda que, como ocorre em toda instituição acadêmica, nem todos os ensinamentos são tais a conseguir o aplauso unânime daqueles que os frequentam, é, porém, verdadeiro que a grande maioria deles satisfazem plenamente a expectativa dos estudantes.

Quem fala de “precariedade de muitos ensinamentos, confiados a docentes que recolhem aqui e acolá, em passagem temporária por outras universidades e obrigados a aplicar em poucas semanas aquilo que deveria durar um semestre inteiro” mostra que não conhece a complexidade da missão confiada ao Instituto Oriental, em particular à Faculdade de Ciências Eclesiásticas Orientais. Esta Faculdade, que de 1917 a 1971, isto é, até a fundação da Faculdade de Direito Canônico Oriental, identifica-se com o próprio Instituto, articula-se em três secções: teológico-patristica, litúrgica e histórica. Por sua vez, na programação dos cursos, cada uma destas secções se abre ao leque das várias tradições orientais: bizantino-eslava, caldeia, malabares, malankares, maronita, copta, etíope, armênia, georgiana, e outras.

Para dar um justo espaço a estas várias e ricas tradições (católicas, ortodoxas e pré-calcedonenses) foram introduzidos, no decorrer dos anos, junto aos cursos normais de 24 horas reservadas às áreas numericamente maiores, dos cursos condensados em 12 horas, que acontecem alternativamente a cada dois anos das áreas numericamente menores. Esta operação constitui uma verdadeira batalha, seja ao decano que é obrigado a programar os cursos, seja ao secretário que deve enquadrar no calendário acadêmico. Se a cada um destes cursos se devesse reservar um semestre inteiro, não bastariam dez anos para concluir uma licença. Mas o Pontifício Instituto Oriental, à semelhança de todas as instituições acadêmicas, não tem a pretensão de ensinar todo o conhecimento; seu compito é transmitir ao estudante um método de trabalho que lhe consentirá caminhar com as suas próprias

pernas. Se pode afirmar, sem temor de ser desmentido, que nenhuma faculdade teológica, nem em Roma nem em outro lugar, conhece uma programação assim articulada e complexa. Ora, como os especialistas destas áreas denominadas menores frequentemente não se encontram nem ao interno do corpo docente estável, e nem em Roma, é evidente que ocorre busca-los lá onde se encontram, propondo-lhes cursos intensivos, compatíveis com as atividades da instituição onde residem.

Em suma, o Pontifício Instituto Oriental é chamado a cada dia a responder à missão sabiamente delineada do documento constitutivo *Orientis Catholici* de Bento XV do 15 de outubro 1917, aquela tarefa de ser “sede própria de estudos superiores na *Urbe* referentes às questões orientais”. É isto que o corpo docente, consciente dos limites de pessoal e de meios dos quais dispõe, se esforça de realizar, conjugando docência e pesquisa.

A publicações do PIO nestes últimos anos confirmam que os docentes não são por nada “pesquisadores que esperam a aposentadoria” – pesquisadores improdutivos, na mente de quem acusa –, mas pesquisam, encontram e produzem. Basta pensar nos Atos do Congresso Internacional *Le vie del sapere in ambito siro-mesopotamico dal III al IX secolo* (12-13 de maio 2011), Roma 2013, coordenado por Carla Noce, Massimo Pampaloni sj e Claudia Tavolieri (www.orientaliachristiana.it); ou ainda aos Atos do Congresso Internacional de Liturgia *The Anaphoral Genesis of the Institution Narrative in Light of the Anaphora of Addai and Mari* (25-26 de outubro 2011), Roma 2013, coordenado por Cesare Giraudó sj (www.prexeucharistica.org); ou à *La Vita di San Nicola di Sion. Traduzione [testo greco a fronte], note e commentario*, editado por Vincenzo Ruggieri sj, Roma 2013 (www.lilame.org); ou mesmo a série *La questione armena. Documenti dell'Archivio Segreto Vaticano*, etc., Roma 2013-2015 (quatro volumes já publicados, outros dois que estão em vias de ser), de Georges-Henri Ruysen sj (www.lilame.org). Sem pensar no *Dizionario enciclopedico dell'Oriente Cristiano*, editado em italiano por Edward G. Farrugia sj no ano de 2000, do qual é iminente a edição inglesa notavelmente ampliada (mais de 2000 páginas). Ainda pensamos as coleções *Patrimoine Arabe Chrétien* (28 volumes), *Patrimonio Culturale Arabo-Cristiano* (11 volumes), *Textes et Études sur l'Orient Chrétien* (9 volumes), dirigidos por Samir Khalil Samir sj. Sem pensar ainda na prestigiosa coleção *Patrologia Oriental*, dirigida por Philippe Luisier sj (www.brepols.net). E ainda isto não é tudo.

Ao programa traçado por Bento XV em 1917, João Paulo II fez referência no seu discurso em 12 de dezembro de 1993, por ocasião do 75º aniversário do Instituto. São palavras iluminadoras e que vislumbram o futuro:

Caríssimos Docentes, ensinai a estes jovens o gosto da circularidade, da globalidade da fé e da teologia. A pesquisa pontual seja escola de método para melhor compreender a universalidade da fé, e o seu resumir-se na única Persona de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, Filho do Pai. O Espírito Santo conduzirá assim cada um à comunhão da Trindade Santíssima, libertando-o da fragmentação de muitos problemas particulares, nos quais se podem correr o risco de esterilizar-se.

Fazeis de modo que o Estudante, no período da sua permanência no vosso Instituto, adquira uma consciência articulada do Oriente Cristão na sua plenitude: se isto já for útil aos Latinos, quanto mais lhe será de modo particular aos Orientais, que adquirem de tal modo os instrumentos para valorizar as tradições das diversas Igrejas que compõem o mosaico variado do Oriente Cristão. Isso pode demandar um maior recurso ao trabalho interdisciplinar e a uma atividade comum entre Docentes: não hesiteis com vosso esforço introduzir para o pleno fruto em vantagem dos vossos Alunos.

Fazeis de modo que a Liturgia interpele os Padre, os Padres ajudem a reler a Escritura Sagrada, e a Teologia seja a síntese contemplativa desta “Vida em Cristo”, extremamente unida, e aliás única experiência, com a espiritualidade, segundo o feliz modelo que foi comum ao Oriente e Ocidente.

Na expectativa daquilo que se dirá o Sucessor de Pedro por ocasião do então próximo centenário da fundação do Instituto, quem se lamenta do quanto ocorreu nos últimos dias não se deve esquecer que o Pontifício Instituto Oriental foi confiado à Companhia de Jesus que, na sua plurissecular história, que de símiles acontecimentos conhecem muitos, e que seguramente, olhando além do temporal que hoje está sob os olhos de todos, saberá conduzir docentes e discentes a tranquilidade que todos ardentemente desejam, para um maior serviço continuado às Igrejas do Oriente.